

Espécies companheiras: uma leitura da poética de Guimarães Rosa à luz da ecocrítica e dos estudos animais

Angela Guida*

Gleudson André Pereira de Melo**

Resumo

Nas primeiras décadas do século XXI, tem sido uma constante a presença de eventos, sobretudo ligados ao clima, que remetem à ideia de que o planeta Terra precisa de mais atenção e cuidado por parte dos seres humanos. Nesse sentido, surgem teorias que tentam dar conta de compreender esses fenômenos. Existem alguns estudos que se propõem a discutir os rumos do planeta frente a possíveis desastres ambientais. Desde a década de 1990, dentro dos estudos de literatura, sobretudo dos realizados nos Estados Unidos, há uma abordagem teórico-conceitual denominada ecocrítica, que visa a discutir questões ambientais a partir de uma relação com a literatura e com as artes de modo geral. O termo foi usado pela primeira vez na década de 1970, porém, as discussões que envolvem literatura e meio ambiente ganharam destaque na década de 1990. No Brasil, ainda que os estudos de ecocrítica sejam recentes, existem muitos autores que trazem em suas obras uma preocupação com o meio ambiente e com a preservação da flora e da fauna, como é o caso do escritor mineiro Guimarães Rosa. Desse modo, neste artigo, nossa proposta é ler a obra de Guimarães Rosa à luz dos pressupostos da ecocrítica, bem como dos estudos animais,

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutora em Ciência da Literatura/Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8948-646X>.

** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS). Pesquisador de pós-doutorado. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1302-598X>.

com o objetivo de proporcionar uma reflexão acerca do pensamento ecológico na obra desse autor.

Palavras-chave: ecocrítica; zooliteratura; multiespecismo; Guimarães Rosa.

Companion Species: a Reading of Guimarães Rosa's Poetics from the Perspective of Ecocriticism and Animal Studies

Abstract

In the first decades of the 21st century there has been a constant occurrence of events, especially climate-related, that suggest that planet Earth needs more attention and care from human beings. In this sense, theories have emerged that attempt to understand these phenomena. There are some studies that propose to discuss the future of the planet in the face of possible environmental disasters. Since the 1990s, within literary studies, especially those conducted in the United States, there has been a theoretical-conceptual approach called ecocriticism that aims to discuss environmental issues based on their relationship with literature and the arts in general. The term was first used in the 1970s, but discussions involving literature and the environment gained prominence in the 1990s. In Brazil, although ecocritical studies are recent, there are many authors who bring to their works a concern for the environment and the preservation of flora and fauna, such as the writer from Minas Gerais, Guimarães Rosa. Thus, in this article, our proposal is to read Guimarães Rosa's work in light of the assumptions of ecocriticism, as well as animal studies, with the aim of providing a reflection on the ecological thought in this author's work.

Keywords: ecocriticism; zooliterature; multispeciesism; Guimarães Rosa.

Recebido em: 11/07/2025 // Aceito em: 26/04/2026

Se todo animal inspira ternura, o que houve, então, com os homens? (Rosa, 2009, p.174).

O que é Natureza? Pergunta difícil de se responder porque nós também fazemos parte dela e sem distância suficiente para encará-la: em mim ela brota de meu âmago qual semente que rompe a terra (Lispector, 2020, p. 509).

Para todo lugar que olho, vejo espécies companheiras e naturezas-culturas emergentes (Haraway, 2021, p. 47).

Introdução

Para os leitores de Guimarães Rosa, decerto, não passa despercebida sua relação mais que próxima com formas outras de vida que vão para além da humana, como seres da flora e da fauna. Guimarães Rosa trouxe para suas produções literárias reflexões muito importantes, como a questão da animalidade e do ambiente natural, em uma época em que tais questões ainda não eram objeto de preocupação de estudiosos do mundo todo. A literatura e as artes, de modo geral, parecem antecipar as teorias acerca das grandes questões. Talvez, seja por essa razão que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2023, p. 5) tenha dito que a arte ainda é a esperança de uma revolução, pois “a revolução pode começar com, tão somente, uma cor inédita, um som inédito”.

Evando Nascimento (2021) argumenta que uma experiência de pensamento é a capacidade de se relacionar com as alteridades e, por conseguinte, de estabelecer conexões com o mundo de outros vivos que não apenas o humano. Dito de outra forma, é o que também acredita Eduardo Viveiros de Castro (2008) no

que diz respeito ao pensamento. Segundo o antropólogo, “só é interessante o pensamento enquanto potência de alteridade” (Castro, 2008, p. 8). Nesse sentido, a poética de Guimarães Rosa se doa como um genuíno exemplo de obra de pensamento, uma vez que se abre a múltiplas alteridades, dentre elas, a alteridade animal e a alteridade vegetal. A interação de Guimarães Rosa com formas outras de vida para além da humana, em especial, com plantas, animais, rios, árvores, seja na vida pessoal ou na produção literária, dá-se com base no cuidado e respeito por seres outros que não se limitam ao humano, constituindo-se, dessa maneira, como um exercício constante de alteridade, como é possível vislumbrar neste fragmento de “Campo geral”: “por que é que Pai e os outros se praziam tão risonhos, doidavam, tão animados alegres, na hora de caçar atoa, de matar tatu e os outros bichinhos desvalidos?” (Rosa, 2001, p. 72).

No que diz respeito à sua grafia de vida, também não são raros os registros de Rosa ao lado de animais, sobretudo, os gatos, uma de suas paixões. Em estudo realizado no espólio do autor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, a pesquisadora Denise de Almeida Silva (2024) encontrou um total de 42 livros sobre gatos, muitos em idiomas diversos e, alguns deles, presenteados por amigos de diferentes lugares, que tinham conhecimento do amor de Rosa pelos animais e pelos felinos. Denise descobriu, inclusive, uma carteirinha de sócio de um clube de felinos em Paris, do qual Rosa foi membro – *Cat Club de Paris et des Provinces Françaises*, uma associação fundada em 1913 e ainda em atividade.

As espécies companheiras (e os inseparáveis gatos) se encontram tão integradas ao mundo de Guimarães Rosa que se fazem presentes até no momento em que o sujeito poético

tem consciência da solidão da existência. Isso é sensivelmente demonstrado em *Ave, palavra*, com a construção do vocábulo *solistência*, no poema “Eu estou só”.

Eu estou só.
O gato está só.
As árvores estão sós.
Mas não o só da solidão: o só da solistência.
(Rosa, 2009, p. 126).

Todos nós estamos sozinhos na existência, quer sejamos gatos, árvores, humanos, rios, plantas, montanhas, não importa a forma de vida que tenhamos assumido. Nós, humanos por natureza, também somos espécies companheiras na solidão da existência, porque, como bem observa Ailton Krenak (2020), em entrevista concedida a Juremir Machado Silva, independentemente de especismo, animais, humanos, árvores, rios, “a vida é a mesma em mim, em você, numa lagarta, numa borboleta, num dinossauro, num rinoceronte”.

Donna Haraway (2021) propõe que natureza e cultura sejam grafadas como um sintagma único “natureza-cultura”, sem separação na forma escrita, como gesto político diante do pensamento antropológico moderno, que promove a cisão entre natureza e cultura, colocando cada uma em uma ponta como se fossem opostas, quando, na verdade, não o são. A separação entre natureza e cultura não faz outra coisa senão fomentar ações predatórias e extrativistas que veem na natureza apenas um lugar de onde se tiram recursos em benefício do bem-estar humano, além de ignorar a coexistência com outros seres com os quais nós, humanos, dividimos o planeta e a possibilidade de exercitar alteridade significativa. Para Haraway (2021, p. 50), “era necessário, desde o princípio, que melhores relações de

espécies companheiras fossem formadas entre todos, humanos e não humanos”. Na obra de Guimarães Rosa, essas relações existem, coexistem, e a natureza não está descolada da cultura, não é um simples adorno, muito pelo contrário. Como observa Mônica Meyer (2008), na obra do escritor mineiro, a natureza não é um palco para inserir seus personagens, um cenário em que as cenas acontecem. Está tudo entrelaçado ou, para se usar um termo caro a Donna Haraway, tudo coexiste.

A poética de Guimarães Rosa, seja por meio da presença dos animais ou de formas outras de vida ligadas ao mundo natural, antecipou muito do que está na ordem do dia no que diz respeito a discussões relacionadas à ecocrítica, estudos críticos animais, Antropoceno e emergência climática. Como também destaca Meyer (2008, p. 134), nos apontamentos que constituem *A boiada*, por exemplo, Guimarães Rosa já sinalizava alguma preocupação com o desmatamento em virtude das atividades das siderúrgicas no estado de Minas Gerais:

As anotações de Guimarães Rosa revelam uma preocupação pelos desmatamentos (já crescentes àquela época), ao apontar trecho do Paraopeba/Sirga, onde era possível encontrar – *um mato virgem (coisa rara aqui) – na maioria itapicurus grandes. Vinháticos também.* B1 p. 7. Em 1952, as siderúrgicas mineiras já estavam produzindo a pleno vapor, consumindo o carvão vegetal, lenha boa do cerrado (grifos da autora).

É verdade que, em entrevista concedida à *Amazonia Latitude*, Zélia Bora (2021), presidente fundadora da Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente (ASLE/BRASIL),¹ de maneira muito sensata, diz que não acredita ser pertinente nomear determinados escritores como ecocríticos, uma vez que suas obras foram produzidas antes do surgimento do termo:

¹ ASLE – Association for the Study of Literature and Environment.

Em primeiro lugar, gostaria de definir o que a ecocrítica significa para nós que estamos fora do Hemisfério Norte. Entendemos o termo como um método, um conjunto de pressupostos, um “movimento” dentro da literatura, um pensamento e uma prática. Não gostaria de definir os escritores A ou B como ecocríticos, porque iniciaram suas produções antes do aparecimento do termo. No entanto, sua obra pode adequar-se muito bem à utilização do método para interpretá-la. Porém é preciso ter muito cuidado, porque o método pode ser utilizado muito bem para interpretar determinada obra, mas não outra. Nós brasileiros não gostamos de rótulos, especialmente dentro da literatura.

No entanto, ao pensar a ecocrítica como um método, um caminho, é possível ler obras nas quais as relações entre literatura e meio ambiente se evidenciam, ainda que produzidas em outras épocas, como é o caso de Guimarães Rosa. Assim, neste artigo, não é nosso interesse, nem de longe, definir Guimarães Rosa como um autor ecocrítico, muito menos atribuir um “rótulo” a sua literatura, mas demonstrar que, embora tenha produzido sua obra muito antes da criação do termo-conceito em questão, seus escritos já antecipavam discussões que viriam a ser desenvolvidas muito mais tarde, tanto no âmbito da ecocrítica quanto no dos estudos críticos animais. Isso porque, sem engendrar um discurso teórico-metodológico sistemático, o escritor mineiro ensinou – e continua ensinando – a seus leitores que amar os animais é também um aprendizado de humanidade. Como argumenta Maria Esther Maciel (2011), ao comentar uma das secções zoo do livro *Ave, Palavra*, há, na poética rosiana, um movimento de compaixão pelos viventes não humanos, que, por conseguinte, evidencia uma clara relação entre literatura e ecologia em sentido amplo, como pode ser observado na menção de Rosa a um ratinho diante do seu predador:

Uma cascavel, nas encolhas. Sua massa infame. Crime: prenderam, na gaiola da cascavel, um ratinho branco. O pobrinho se comprime num dos cantos do alto da parede de tela, no lugar mais longe que pôde. Olha para fora, transido, arrepiado, não ousando choramingar. Periodicamente, treme. A cobra ainda dorme (Rosa, 2009, p. 287).

O excerto remete não apenas à sensibilidade do autor ao retratar uma cena típica de espetacularização vivenciada no zoológico, mas também chama a atenção para questões que se inter-relacionam com os pressupostos da ecocrítica e dos estudos animais, despertando no leitor uma reflexão sensível acerca dessas problemáticas, conforme elucida Maciel (2011, p. 128):

A compaixão não deixa, portanto, de ser um ingrediente importante para que tal aprendizagem se efective, o que o próprio Rosa demonstra ao mencionar repetidamente um ratinho branco que foi colocado pelos funcionários do zoológico dentro da jaula de uma cascavel, para que os visitantes pudessem ver o espectáculo da devoração. O escritor, nesses fragmentos, entra na pele do rato e, como que por contágio, traz para o corpo das palavras o tremor e o olhar “transido, arrepiado” do animalzinho comprimido num dos cantos da parede de tela, “no lugar mais longe que pôde”. Vê-se aí, encenada, a contundente frase que Coetzee lança no seu *A Vida dos Animais*: “quem diz que a vida importa menos para os animais do que para nós nunca segurou nas mãos um animal que luta pela própria vida; todo o seu ser está na carne viva”.

É esse exercício de aprendizagem e alteridade significativa, tão necessário para o entendimento da relação das espécies companheiras, que nos interessa discutir na poética ecológica de Guimarães Rosa. Antes, porém, talvez seja importante entender o lugar que a ecocrítica e os estudos animais ocupam na paisagem dos estudos literários, ainda que de forma resumida.

Travessias da ecocrítica e dos estudos críticos animais nas veredas de Rosa...

O termo “ecocrítica” remonta ao ensaio de 1978 de William Rueckert, “*Literature and Ecology: an Experiment in Ecocriticism*” (Branch, 1994, p. 1). Na verdade, o termo foi cunhado na década de 1970, e os estudos efetivamente tiveram seu desenvolvimento a partir da década de 1990. É a partir dessa década que a ecocrítica se firma como um campo significativo dos estudos literários, sobretudo nos Estados Unidos, com a criação da *Association for the Study of Literature and Environment* (ASLE). Ao pensar sobre as relações entre o meio ambiente e a literatura, os teóricos da ecocrítica tiveram como balizadores questionamentos acerca da representação da natureza nos textos literários e das implicações disso para os estudos de literatura, bem como para os estudos ecológicos: “Como a natureza é representada neste soneto? Qual é o papel do cenário físico no enredo deste romance? Os valores expressos nesta peça são consistentes com a sabedoria ecológica? (Glotfelty; Fromm, 1996, p. 18, tradução própria).² Dois marcos foram importantes para a consolidação dos estudos ecocríticos: a Primeira Conferência Bianual promovida pela ASLE, em Fort Collins, Colorado, no ano de 1995, e a publicação da obra intitulada *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (Glotfelty; Fromm, 1996). Dentre as muitas atividades promovidas pela ASLE, houve o lançamento da revista *Interdisciplinary Studies in Literature and Environment* (ISLE)³ e a criação da disciplina Literatura e Ambiente também nos Estados Unidos.

2 Texto original: “How is nature represented in this sonnet? What role does the physical setting play in the plot of this novel? Are the values expressed in this play consistent with ecological wisdom?”.

3 O primeiro número da Revista foi lançado na primavera de 1993 (Disponível em: <https://academic.oup.com/isle/issue/1/1>). Ela ainda se encontra em atividade, com a última publicação realizada na primavera de 2023 (Disponível em: <https://academic.oup.com/isle/issue/30/1>).

Desde então, os estudos ecocríticos ganharam novos contornos e visibilidade em diferentes formas de arte e movimentos populares, cujas propostas visam a provocar reflexões acerca de demandas ambientais que afetam as condições tanto do meio ambiente quanto dos humanos, que sofrem com as consequências da exploração da natureza. Lawrence Buell, Ursula Heise e Karen Thornber (2011, p. 418) esclarecem que

[...] a ecocrítica parte da convicção de que as artes da imaginação e seu estudo – pela sua compreensão do poder das palavras, histórias e imagens para reforçar, animar e direcionar a preocupação ambiental – podem contribuir significativamente para a compreensão dos problemas ambientais: as múltiplas formas de degradação ambiental que afligem o planeta Terra hoje (tradução própria).⁴

Maria do Carmo Mendes (2020), pesquisadora dos estudos ecocríticos, lembra que, embora os estudos de ecocrítica tenham ganhado relevância na década de 1990, já no livro bíblico de Deuteronômio havia certa preocupação com questões ambientais. Logo, o livro em questão poderia ser lido sob os pressupostos discutidos na ecocrítica:

O Livro do Deuteronômio revela preocupações sobre ética ambiental, tratamento carinhoso de animais domésticos, cuidado com destruição de árvores... ou seja, Deuteronômio, quinto livro da Bíblia insiste nas responsabilidades humanas não apenas para com os restantes habitantes humanos do planeta Terra, mas também para com a natureza animal e vegetal. Neste sentido, o livro pode ser analisado sob o prisma da Ecocrítica, área dos Estudos Literários que se formaria apenas no crepúsculo do século XX. [...]

4 Texto original: "Ecocriticism begins from the conviction that the arts of imagination and the study thereof – by virtue of their grasp of the power of word, story, and image to reinforce, enliven, and direct environmental concern – can contribute significantly to the understanding of environmental problems: the multiple forms of ecodegradation that afflict planet Earth today".

A crise ambiental é mundialmente reconhecida como um dos mais prementes problemas contemporâneos; todavia, o exame do contributo dos Estudos Literários, através de uma área própria, para a reflexão sobre ela e, em última instância, sobre o papel que a Literatura pode cumprir, esteve ausente do meio académico até ao início de 1990. Designada por muitos como “the environmental decade”, a década de 1990 abriu uma oportunidade, que não foi desperdiçada, quer para uma intensa produção académica centrada em questões ambientais, quer para a ficção e a poesia voltadas para a relação homem-natureza (Mendes, 2020, p. 92-93).

Em fins do século XX⁵ e início do século XXI, período marcado por previsões caóticas e catastróficas de um possível fim do mundo, faz-se necessário destacar o papel da ecocrítica ao dar relevo a importantes questões ambientais de grande repercussão internacional, como o aquecimento global e suas consequências, que afetam as condições de vida no planeta para todas as formas de vida que o habitam. Tal cenário justifica o interesse, nos últimos anos, pelos estudos de ecocrítica. O planeta está em combustão,⁶ sobretudo no que diz respeito ao clima. Há até uma nova rubrica nos estudos de literatura: ficção climática.⁷ No entanto, como apontam Elena Brugioni e Alfredo César Melo (2022), a ecocrítica ainda é pouco consolidada no Brasil no campo da teoria e crítica literárias. Com efeito, é no início do século XXI que a ecocrítica passa a receber maior atenção de pesquisadores no país⁸ e, por conseguinte, torna-se objeto

5 A Eco-92, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, já alertava para a importância de se criar medidas para favorecer um desenvolvimento sustentável diante de graves problemas ambientais, como a desertificação, o comprometimento da biodiversidade do Planeta, dentre outras pautas ecológicas.

6 Achille Mbembe (2022, p. 22), em *Brutalismo*, argumenta que a forma tóxica e predatória com a qual estamos lidando com o planeta coloca a todos em perigo: “Na realidade, é o próprio sistema de suporte de vida da Terra que está sendo afetado e, com ele, talvez a capacidade dos humanos de produzir história com outras espécies”.

7 Livros que tematizam crises ecológicas têm recebido a classificação de ficção ambiental. O ambientalista e escritor indiano Amitav Ghosh (2022) discute sobre o tema, dentre outras questões, no livro *O grande desatino*.

8 A professora Angélica Soares, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi pioneira, no Brasil, nos estudos de literatura e meio ambiente. Inclusive, na década de 1990, quando aconteciam os primeiros estudos de ecocrítica nos Estados Unidos, Angélica Soares (1992) organizou a coletânea *Ecologia e literatura*, publicada pela Tempo Brasileiro.

de trabalhos acadêmicos de maior fôlego, como dissertações e teses em renomadas universidades, além de figurar em dossiês de importantes revistas de estudos literários e como tema de eventos científicos.⁹

Assim como os estudos de ecocrítica, os estudos animais – ou *animal studies*¹⁰ – também constituem um campo relativamente recente. Apesar de os animais sempre terem estado presentes na literatura de todas as épocas, sobretudo na forma dos famosos bestiários da Idade Média, as reflexões em torno da presença do animal na literatura e nas artes de um modo geral como questão teórica e crítica são bem mais recentes. Em termos mundiais, esses estudos ganharam impulso na década de 1970, com as ideias defendidas por Peter Singer (2004), em *Libertação animal*, em que o filósofo australiano discute ética e os direitos animais aliados à noção de especismo, termo criado em 1970 por Richard Ryder (2010, p. 1), mas amplamente divulgado por Singer. No especismo, o humano se vê como uma espécie superior aos viventes não humanos e, com isso, exerce poder sobre eles, inclusive sobre suas vidas. Para Singer, o especismo se estende ao campo étnico e sexista, isto é, o branco usa a cor de sua pele para se sobrepor ao negro, o homem faz uso do gênero masculino para garantir poder sobre a mulher etc. Assim, o especismo se configura como um dispositivo de poder de espécies e grupos tidos como privilegiados para exercerem domínio sobre outros grupos: “humanos são especistas quando dão peso menor ao sofrimento de animais não humanos do que o sofrimento equivalente em outros humanos” (Singer, 2004,

9 Em 2012, aconteceu o I Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica no Brasil, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

10 Em 2011, aconteceu o primeiro grande evento sobre os estudos animais em uma universidade brasileira – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) –, na área de literatura, o “I Colóquio Internacional Animais, Animalidades e os limites do humano”, sob a coordenação de Maria Esther Maciel e Júlio Jeha.

p. 10). Na literatura produzida por Clarice Lispector, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, de modo geral, esse especismo é questionado, uma vez que o sofrimento do animal não é representado como menor. De Clarice, lembremos da compaixão da narradora diante da baleia que agoniza encalhada na praia em “Morte de uma baleia” (Lispector, 2020, p. 156). Em “História de quinze dias”, na crônica de 15 de março de 1877 (Assis, 2009, p. 176), o narrador machadiano se compadece da crueldade praticada contra os bovinos na prática da tauromaquia para diversão humana. Em Drummond, no poema “Conversa com o santo”, há um sujeito poético que se solidariza com os animais que não conseguem falar do sofrimento que a eles é impingido e, por isso, sofrem duplamente: “infinitas coleções de animais que sofrem em todos os lugares da terra /e não podem dizer que sofrem, e por isto sofrem duas vezes” (Andrade *apud* Bezerra, 2011, p. 6). Na literatura de Guimarães Rosa, conforme veremos, são muitas as situações narrativas nas quais o sofrimento animal importa.

Neste artigo, interessa-nos discutir a presença dos animais na literatura e, de modo particular, na literatura produzida por Guimarães Rosa, na qual eles se encontram em abundância. Tanto é assim que Maria Esther Maciel (2022, p. 12) tende a considerar o autor de Grande sertão: veredas “o maior animalista da literatura brasileira até hoje, uma vez que ele, desde seus primeiros livros, nunca deixou de dar aos animais não humanos uma especial atenção [...]. Animais de todas as espécies estão em seus livros”. Como observa Maciel (2022), uma referência em estudos animais no Brasil, os textos em que a presença de animais se destaca eram denominados como bestiários e tiveram seu apogeu na Idade Média. No entanto, a pesquisadora prefere

fazer uso da terminologia zooliteratura para nomear obras nas quais há a presença de animais, uma vez que, em sua leitura, além de os bestiários estarem mais ligados a classificações, também há a conotação pejorativa ligada ao termo, que é “besta”. Maciel (2023, p. 34) trabalha com dois termos para designar o protagonismo dos não humanos em produções literárias – zooliteratura e zoopoética:

O primeiro designaria o conjunto de práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que priorizam o enfoque de animais a partir de diversos recursos ficcionais e estratégias narrativas. Sua abrangência adviria da amplitude da própria palavra “literatura”, só que afetada pelo prefixo “zoo”. [...]

Já o termo “zoopoética” tem sido utilizado para nomear tanto o estudo teórico de obras literárias e artísticas sobre animais, quanto a produção *poética* específica de um autor voltada para esse universo animalista. Ou seja, o substantivo “poética” – com todos os seus sentidos acumulados – se mantém, mas moldado e particularizado pelos efeitos do prefixo. É possível dizer que ambos – “zooliteratura” e “zoopoética” – permitem-nos uma compreensão dos animais, da animalidade e das interações humano/não humano também pela via dos sentidos e da imaginação. [...] Ademais, vê-se que esses espaços de reflexão, hoje, não deixam de se ampliar a partir de influxos de áreas afins, como a ecocrítica, que expande a questão animal ao articulá-la às poéticas e narrativas da natureza, em sintonia com os estudos sobre meio ambiente.

Em termos teóricos e/ou metodológicos, a ecocrítica e o olhar voltado ao mundo natural é um fenômeno recente. No entanto, Guimarães Rosa, desde sua primeira obra publicada, *Sagarana*, em 1946, já trazia inscritas em sua poética marcas da ecocrítica e dos estudos animais, ao apresentar o mundo natural e o universo não humano para além de uma dimensão

meramente contemplativa, como se pode observar, por exemplo, nos contos “Burrinho pedrês” e “Conversa de bois”. No primeiro, o narrador é tomado por compaixão pelo idoso burrinho Sete-de-Ouros em seu processo de envelhecimento. A trajetória do burrinho é apresentada ao leitor com profunda comoção diante da violência que o animal sofreu ao longo de sua vida, ora nas mãos de um, ora nas mãos de outro, como se fosse um mero objeto, resignado à dor e ao sofrimento impostos pelos maus-tratos: “Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido. Fora comprado, dado, trocado e revendido, vezes, por bons e maus preços” (Rosa, 1983, p. 15). No segundo, o protagonismo também é dado a seres não humanos. São os bois que conduzem a narrativa ao fazerem uma espécie de análise do comportamento dos humanos: “O homem é um bicho esmochado, que não devia haver. Nem convém espiar muito para o homem. É o único vulto que faz ficar zonzos, de se olhar muito. É comprido demais, para cima, e não cabe todo de uma vez, dentro dos olhos da gente” (Rosa, 1983, p. 192). Tanto em um quanto em outro – isto é, nos dois contos de estreia –, já se percebe, por parte de Guimarães Rosa, uma consciência em relação à subjetividade animal, uma vez que o burrinho e os bois não figuram na obra como alegorias, mas como animais que possuem uma subjetividade. No caso dos bois, são animais-animais, ou exercem uma subjetividade animal, como diz Maciel (2023), uma vez que Guimarães Rosa não humaniza os bois, embora os animais façam uso de um expediente humano, que é a fala. Como argumenta Maciel (2023, p. 52), Rosa entranha ficcionalmente nos corpos dos bois e encena a subjetividade animal, traduzindo para os leitores a fala bovina: “Cabe a ele, enquanto escritor, tentar entrar – pelos esforços da inventividade e da empatia – no corpo do animal

para capturar algo da subjetividade que lhe é própria e traduzi-la em linguagem humana”.

Entre veredas, bois, pássaros e buritis, estórias se constroem...

Como é possível vislumbrar uma preocupação ambiental em textos literários e, de modo particular, na poética de Guimarães Rosa? Amar os animais é sinal de humanidade, diz-nos o autor de *Grande sertão: veredas*. Amor e respeito por todas as formas de vida, bem como compreender que nós, seres humanos, somos parte da natureza, isto é, que ela não é algo abstrato, distante de nós, alheio a nós. Quando nos sentimos parte de algo, torna-se mais fácil cuidar e proteger. Nesse sentido, a obra de Guimarães Rosa revela uma genuína preocupação ambiental, uma vez que seus textos convidam os leitores, a todo momento, a estabelecer “parentescos” (Haraway, 2021) com outras formas de vida, a tornarem-se espécies companheiras de aves, bois, rios, voltando-se não apenas para os “habitantes humanos do planeta Terra, mas também para com a natureza animal e vegetal” (Mendes, 2020, p. 92). Assim, se acompanharmos as reflexões de Maria do Carmo Mendes (2020), a obra roseana pode ser lida sob o “prisma da ecocrítica”.

São abundantes os exemplos em que o mundo natural se faz presente para além de um cenário ou moldura, como lembra Mônica Meyer (2008). A autora realizou um vigoroso trabalho, no qual discute a natureza como um elemento constitutivo da poética roseana, com destaque especial para a obra *A boiada*, composta por anotações registradas por Guimarães Rosa durante a sua viagem pelo sertão mineiro em 1952. Segundo Meyer, os registros de Rosa, em *A boiada*, revelam uma significativa

integração entre o humano e a natureza, uma vez que evidenciam uma proximidade entre plantas, bichos, coisas e homens. As observações que Mônica Meyer (2008, p. 215) faz em relação às anotações de *A boiada* aplicam-se perfeitamente a outras obras de Guimarães Rosa, sobretudo, a *Grande sertão: veredas*, em que a comunhão entre vaqueiros, jagunços, rios, montanhas, buritis, aves, cavalos e outros seres do cenário natural encontram “os fios que tecem a mesma teia da vida”. A integração é tamanha que seu narrador traz, na formação do seu nome, os rios que conduzem sua travessia: Rio-baldo. Aliás, em todas as configurações do seu nome, há um elemento do mundo natural: Riobaldo Tatarana e Riobaldo Urutu-Branco. E uma das falas mais emblemáticas de *Grande sertão: veredas* também revela uma ligação com o mundo natural: “Diadorim é a minha neblina...” (Rosa, 1994, p. 27). Riobaldo faz uso de um fenômeno ligado à natureza para dar conta – ou não – da complexidade que Diadorim representa para ele. Ironicamente, é na obscuridade da neblina que Riobaldo passa a apreciar as belezas sem dono da natureza pelo simples prazer de enfeite, depõe a espingarda de caça e sossega a precisão de matar:

Lhe mostrar os altos claros das Almas: rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos. O cio da tigre preta na Serra do Tatu – já ouviu o senhor gargaragem de onça? A garoa rebrilhante da dos-Confins, madrugada quando o céu embranquece – neblim que chamam de xererém. *Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim...* (Rosa, 1994, p. 29, grifos próprios).

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se *parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros*, em seu começar e descomeçar dos voos e pousoação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. *Mas o Reinaldo gostava: — “É formoso próprio...”* –

ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P'ra e p'ra, os bandos de patos se cruzavam. — “Vigia como são esses...” Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. — “É aquele lá: lindo!” Era omanuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea — às vezes davam beijos de biquinim — a galinholagem deles. — “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” — o Reinaldo disse (Rosa, 1994, p. 195-196, grifos próprios).

Ainda que tenha se dedicado às anotações que compõem *A boiada*, Meyer faz breves considerações acerca de outras obras de Guimarães Rosa nas quais a natureza se faz presente como protagonista, como é o caso de *Grande sertão: veredas*. A pesquisadora lembra que a vida de Riobaldo está sempre atravessada pelos rios, sobretudo nos momentos mais significativos, como foi o encontro com o menino Reinaldo/Diadorim, que se deu no rio Porto-de-Janeiro. Os rios margeiam *Grande sertão: veredas* e “os cursos de rio sinalizam os caminhos do curso de vida de um Riobaldo que navega no sertão” (Meyer, 2008, p. 24). Portanto, sua afeição/interação *com e pelos* rios conduz o curso de sua travessia: “Penso como um rio tanto anda” (Rosa, 1994, p. 485). E até o uso de termos que poderiam indicar posse acaba ganhando conotação afetiva, como é a maneira pela qual Riobaldo lida com seu rio de amor — o Urucuia: “Hem? O senhor? Olhe: o rio Carinhonha é preto, o Paracatu moreno; meu, em belo, é o Urucuia — paz das águas... É vida!...” (Rosa, 1994, p. 31). E, na “busca pelo florescimento de espécies companheiras” (Haraway, 2021, p. 29), as aves também são responsáveis pela conexão com a alteridade significativa e

povoam o céu de *Grande sertão: veredas* em belos voos, afinal, Diadorim ensinou Riobaldo a apreciá-las por prazer de enfeite: “Aí, falei dos pássaros, que tratavam de seu voar antes do mormaço. Aquela visão dos pássaros, aquele assunto de Deus, Diadorim era quem tinha me ensinado” (Rosa, 1994, p. 261). Willian Dolberth e Klaus F. W. Eggensperger (2020) engendram um vigoroso inventário das aves presentes em *Grande sertão: veredas*. Os autores destacam que todas as aves trazidas por Guimarães Rosa apresentam o que eles denominam de “princípio da verossimilhança ecológica” (Dolberth; Eggensperger, 2020, p. 56), isto é, encontram-se dentro do seu bioma.

Guimarães Rosa não é um autor ecocrítico pelas razões expostas por Zélia Bora. No entanto, qualquer obra dele que vem à mão facilmente conduz a uma leitura pelos caminhos da ecocrítica, algumas com mais intensidade; outras, menos. *Grande sertão: veredas* é, por excelência, uma obra que se abre a leituras pela via da ecocrítica, dos estudos animais; é, por natureza, um inventário de zooliteratura. Como pontua Maria Esther Maciel (2011, p. 128), os animais estão por toda parte: “Listas zoológicas abundam na sua obra – em especial no *Grande sertão: veredas* –, compreendendo inumeráveis nomes próprios de bois e vacas e dezenas de espécies espalhadas pelo sertão mineiro”. São muitas as espécies companheiras em *Grande sertão: veredas* que se fazem presentes para além da humana: os rios que acompanham os jagunços, os buritis, as aves, os cavalos. Aliás, sobre os cavalos, merece vir a lume a cena em que jagunços e cavalos sofrem uma emboscada e são encurralados pelo bando do Hermógenes. Na voz do narrador Riobaldo, a morte daqueles animais causa tamanha comoção que é possível ter em mente as reflexões que Peter Singer (2004)

elabora acerca do especismo. Humanos são especistas quando consideram que a dor e o sofrimento de animais não humanos é menor que a dos humanos. Não é isso que Guimarães Rosa revela pela voz de Riobaldo na cena do massacre dos cavalos, muito pelo contrário. Não só Riobaldo, mas os outros companheiros, como Fafafa e João Vaqueiro, também se mostram comovidos com a dor dos cavalos. Como nada podia fazer para aliviar o sofrimento e o martírio dos animais, Riobaldo começa a rezar por eles. Na falência do seu “despoder”, ele sobe para fora do real e reza, imaginando que os relinchos de dor que ouve são de Hermógenes, não dos cavalos. São seis páginas de *Grande sertão: veredas* inteiramente destinadas à descrição da dor dos cavalos, espécies companheiras de Riobaldo, que, junto a esses animais, enxerga o “sofrimento com urgência”. A citação a seguir se estende um pouco, mas vale a reprodução de um excerto maior:

Iam caindo, achatavam no chão, abrindo as mãos, só os queixos ou os topetes para cima, numa tremura. Iam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, *rinchavam de dor – o que era um gemido alto, roncado, de uns como se estivessem quase falando*, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largando as forças, vinha de apertos, de sufocados.

[...]

O Fafafa chorava. João Vaqueiro chorava. Como a gente toda tirava lágrimas. Não se podia ter mão naquela malvadez, não havia remédio. À tala, eles, os Hermógenes, matavam conforme queriam, a matança, por arruinar. Atiravam até no gado, alheio, nos bois e vacas, tão mansos, que, desde o começo, tinham querido vir por se proteger mais perto da casa. Onde se via, os animais iam amontoando, mal morridos, os nossos cavalos!

[...]

Aturado o que se pegou a ouvir, eram aqueles assombrados rinchos, de corposo sofrimento, aquele rinchado medonho dos cavalos em meia-morte, que era a espada de aflição: e carecia de alguém ir, para, com pontaria caridosa, em um e um, com a dramada deles acabar, apagar o centro daquela dor. Mas não podíamos! O senhor escutar e saber – os cavalos em sangue e espuma vermelha, esbarrando uns nos outros, para morrer e não morrer, e o rinchar era um choro alargado, despregado, uma voz deles, que levantava os couros, mesmo uma voz de coisas da gente: *os cavalos estavam sofrendo com urgência, eles não entendiam a dor também. Antes estavam perguntando por piedade.*

[...]

Ah, que é que o bicho fez, que é que o bicho paga? Ficamos naquelas solidões. Alembrar que tão bonitos, tão bons, inda ora há pouco esses eram, cavalinhos nossos, sertanejos, e que agora estraçalhados daquela maneira não tinham nosso socorro.

[...]

No que se estava, se estava: *o despoder da gente. O duro do dia. A pois, então, me subi para fora do real; rezei! Sabe o senhor como rezei?* [...] “A faz mal, não faz mal, não tem cavalo rinchando nenhum, não são os cavalos todos que estão rinchando – quem está rinchando desgraçado é o Hermógenes, nas peles de dentro, no sombrio do corpo, no arranhar dos órgãos, como um dia vai ser, por meu conforme... Assim, d’hoje-em-diante doravante, sempre temos de ser: ele o Hermógenes, meu de morte – eu militão, ele guerreiro...” Assim o relincho em restos, trescortado. Aqueles cavalos suavam de derradeira dor (Rosa, 1994, p. 479-483, grifos próprios).

“Campo geral” é uma das novelas que integram *Manuelzão e Miguilim*, um dos livros que compõem *Corpo de baile*,¹¹ e também pode ser lida em consonância com os pressupostos da ecocrítica, no que se refere à preocupação ambiental, bem como

11 *Corpo de baile* foi publicado como obra única apenas em suas duas primeiras edições: na de 1956, em dois volumes, e na de 1960, em volume único. Ao todo, a obra é composta por sete narrativas.

à ética e ao bem-estar animal defendidos pelos estudos críticos animais, a partir do entendimento de que é necessário criar “melhores relações de espécies companheiras [...] entre todos, humanos e não humanos” (Haraway, 2021, p. 50). O menino Miguilim aprende essa preciosa lição com as plantas e com os animais:

Em todo dia, também, arrastavam os bichos matados, por caça. O coelhinho tinha toca na borda-da-mata, saía só no escurecer, queria comer, queria brincar, sessépe, serelé, coelhinho da silva, remexendo com a boquinha de muitos jeitos, esticava pinotes e sentava a bundinha no chão, cismado, as orelhas dele estremeciam constantemente. Devia de ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá na beira do mato, onde eles moravam, sozim (Rosa, 2001, p. 25).

Miguilim não compreende por que razão os adultos matam os bichos e se comove com os coelhos e os tatus, alvos das caçadas. No caso dos coelhos, ele pensa até no sofrimento dos parentes do bichinho, que ficarão à espera, o que faz com que vislumbremos em Miguilim um movimento na direção da ideia de parentesco (alteridade significativa, espécies companheiras) com outras formas de vida desenvolvida por Donna Haraway.

Ele chiava: Izuis, Izuis!... Estava morrendo, ainda estava fazendo barulho de unhas no chão, como quando entram em buraco. “Tem dó não, Miguilim, esses são danados para comer milho nas roças, derrubam pé-de-milho, roem a espiga, desenterram os bagos de milho meados, só para comer...” – o vaqueiro Salúz dizia aquilo, por consolar, tantas maldades. – “O tatú come raízes...” *Então, mas por que é que os outros se praziam tão risonhos, doidavam, tão animados alegres, na hora de caçar à toa, de matar o tatú e os outros bichinhos desvalidos?* Assim, com o gole disso, com aquela alegria avermelhada, era que o demônio precisava de gostar de

produzir os sofrimentos da gente, nos infernos? Mais nem queriam que ele Miguilim tivesse pena do tatú-pobrezinho de Deus sozinho em seu ofício, carecido de nenhuma amizade. Miguilim inventava outra espécie de nojo das pessoas grandes. Crescesse que crescesse, nunca havia de poder estimar aqueles, nem ser sincero companheiro (Rosa, 2001, p. 43).

A relação de afeto e amizade que Miguilim tem com a cachorra Pingo-de-Ouro também revela aspectos importantes na reinvenção das “formas de viver-em-comum” (Mbembe, 2025, p. 14), inclusive, na perda, uma vez que o pai, em gesto autoritário, dá a cachorra para tropeiros que estavam de passagem pelo Mutum, como se o animal fosse um mero objeto, desconsiderando por completo os sentimentos de Miguilim: “Então, se ela já estava quase cega, por que o pai a tinha dado para estranhos? Não iam judiar da Pingo-de-Ouro?” (Rosa, 2001, p. 21). Talvez, uma das mais belas cenas de “Campo geral” se dá quando, mais tarde, Miguilim perde o irmão Dito, e o menino, já certo da morte, espera ser recebido no céu pela cachorra Pingo-de-Ouro. Uma vez mais, a noção de parentesco e de espécie companheira preconizada por Haraway parece fazer todo sentido:

A reza não esbarrava. Uma hora o Dito chamou Miguilim, queria ficar com Miguilim sozinho. Quase que ele não podia mais falar. – “Miguilim, e você não contou a estória da Cuca Pingo-de-Ouro...” – “Mas eu não posso, Dito, mesmo não posso! Eu gosto demais dela, estes dias todos...” Como é que podia inventar a estória? Miguilim soluçava. – “Faz mal não, *Miguilim, mesmo ceguinha mesmo, ela há de me reconhecer...*” – “*No Céu, Dito? No Céu?!*” – e Miguilim desengolia da garganta um desespero. – “Chora não, Miguilim, de quem eu gosto mais, junto com Mãe, é de você...”

[...]

Miguilim doidava de não chorar mais e de correr por um socorro. Correu para o oratório e teve medo dos que ainda estavam rezando. Correu para o pátio, *chorando no meio dos cachorros* (Rosa, 2001, p. 70-71, grifos próprios).

Ao considerar a literatura de Guimarães Rosa à luz dos estudos ecocríticos e dos estudos animais, surge a necessidade de se refletir a respeito da importância das espécies companheiras, fio condutor desta análise. Em “Campo geral”, esse conceito, postulado por Donna Haraway, consolida-se na sensibilidade de Miguilim em relação aos tatus, coelhos e cães, e, guardadas as devidas proporções, também em *Grande sertão: veredas*, no episódio do massacre dos cavalos, que sensibiliza Riobaldo e os demais jagunços. Portanto, essa travessia poética que inspira gerações carrega consigo um legado ambiental pautado na ética animal e na alteridade em relação aos viventes não humanos, não sob um mero viés alegórico, mas no sentido da coexistência com outras formas de vida e com a própria natureza.

Algumas considerações...

Diante da perspectiva dos estudos ecocríticos e dos estudos animais discutidos neste artigo, considera-se a obra de Guimarães Rosa um universo de possibilidades que se entrelaçam com as relações do humano com a natureza, principalmente quando nos referimos a espécies companheiras, tão bem representadas em suas obras.

Na literatura roseana, observa-se que, embora anteriores ao surgimento formal dos estudos ecocríticos, consolidados nas publicações acadêmicas a partir da década de 1990, sobretudo com a criação da ASLE, nos Estados Unidos, suas obras dialogam

com os pressupostos da ecocrítica, evidenciando sua atualidade na crítica literária ambiental.

Ressalta-se, ainda, a importância dos estudos animais, tão bem desenvolvidos por Maria Esther Maciel, os quais vão além do termo “bestiário”, amplamente utilizado para representar animais na literatura, e propõem, por meio da terminologia “zooliteratura”, uma abordagem não pejorativa, que remete à aproximação interespécies, isto é, à coexistência entre humanos e outras formas de vida. Essa perspectiva assume o protagonismo animal e ultrapassa o conceito de especismo formulado por Richard Ryder. Nesse contexto, discutimos o conceito de espécies companheiras alinhado aos estudos ecocríticos e aos estudos animais presentes nas obras de Guimarães Rosa.

Sem a pretensão de esgotarmos o assunto, reconhecemos que a proposta dos estudos ecocríticos e dos estudos animais, ao encontrar um terreno tão fértil na literatura de Guimarães Rosa, abre caminhos para novas possibilidades de travessias contínuas e de compartilhamento de vida com as espécies companheiras.

Referências

ASSIS, Machado de. *História de quinze dias*. Organização, introdução e notas de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BEZERRA, Elvia. Drummond: “o querido capanga”. *Instituto Moreira Salles*, 23 set. 2011. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/drummond-o-querido-capanga-por-elvia-bezerra/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BORA, Zélia. Somos produtos de uma sociedade em desarmonia com o ambiente, diz Zélia Bora. *Amazonia Latitude*, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2021/04/20/somos-produtos-de-uma-sociedade-em-desarmonia-com-o-ambiente-diz-zelia-bora/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BRANCH, Michael P. Defining ecocritical theory and practice: sixteen position papers from the 1994 Western Literature Association Meeting. *Asle.org*, Salt Lake City, Oct. 1994. Disponível em: https://www.asle.org/wp-content/uploads/ASLE_Primer_DefiningEcocrit.pdf. Acesso em: 28 maio 2026.

BRUGIONI, Elena; MELO, César Alfredo. Ecocrítica(s): literatura e colapso ambiental. *Remate de Males*, Campinas, v. 42, n. 2, p. 254-259, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8672928>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BUELL, Lawrence; HEISE, Ursula; THORNBUR, Karen. Literature and environment. *Annual Review of Environment and Resources*, California, v. 36, p. 417-440, 2011. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-environ-111109-144855>. Acesso em: 30 jun. 2025.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Apresentação. In: CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Eduardo Viveiros de Castro: Encontros*. SZTUTMAN, Renato (org.). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008. p. 8-19.

DOLBERTH, Willian; EGGENSPERGER, Klaus F.W. *Grande sertão: veredas*, um inventário da avifauna. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 1, n. 75, p. 53-70, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/XPZDbCmPfYbvbpVKKgDTrhG/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GHOSH, Amitav. *O grande desatino: mudanças climáticas e o impensável*. Tradução de Renato Prelorentzou. São Paulo: Quina, 2022.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (org.). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. London: University of Georgia Press. 1996.

HAN, Byung-Chul. Byung-Chul Han expõe sua aposta na arte. *Outras Palavras*, 5 maio 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/byung-chulhan/>. Acesso em: 22 maio 2025.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. Entrevista com Ailton Krenak. *Correio do Povo*, 22 nov. 2020. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/entrevista-com-ailton-krenak-1.524763>. Acesso em: 30 jun. 2025.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MACIEL, Maria Esther. Entrevista concedida ao *Instituto Humanitas Unisinos*. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/620237-breve-genealogia-dos-estudos-de-zooliteratura-no-brasil-entrevista-especial-com-maria-esther-maciel>. Acesso em 30 jun. 2025.

MACIEL, Maria Esther. Exercícios de zooliteratura em Machado de Assis e Guimarães Rosa. *Colóquio: Letras*, n. 177, p. 126-138, 2011. Disponível em: <https://xdata.bookmarc.pt/gulbenkian/cl/pdfs/177/PT.FCG.RCL.9150.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.

MBEMBE, Achille. *Democracia como comunidade de vida*. São Paulo: N-1 Edições, 2025.

MBEMBE, Achille. *Brutalismo*. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

MENDES, Maria do Carmo. No princípio era a natureza: percursos da ecocrítica. *Anthropocenica: Revista de Estudos do*

Antropoceno e Ecocrítica, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocenica/article/view/3100>. Acesso em: 31 mai. 2025.

MEYER, Monica. *Ser-tão natureza: a natureza de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

RYDER, Richard. Speciesism Again: the original leaflet. *Critical Society*, n. 2, p. 1-2, 2010. Disponível em: <https://www.veganzetta.org/wp-content/uploads/2013/02/Speciesism-Again-the-original-leaflet-Richard-Ryder.pdf>. Acesso em: 28 maio 2026.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROSA, João Guimarães. Campo geral. In: ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 17-91.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SILVA, Denise de Almeida. Os gatos na vida de Guimarães Rosa: o que os livros registram. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 87, p. e10682, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/CyYpwYWRbWCzf5T3SDyyT9q/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SINGER, Peter. O filósofo Peter Singer e a crueldade contra os animais. *Revista Cult*, ano VII, n. 86, p. 8-11, nov. 2004. Disponível em: <https://www.cultloja.com.br/produto/cult-86-novembro-2004/>. Acesso em: 30 maio 2025.

SINGER, Peter. *Libertação animal*. Tradução de Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano, 2004.

SOARES, Angélica (org.). *Ecologia e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.